

Perder tempo

NAS SOCIEDADES ANTIGAS, A EXPERIÊNCIA DO TEMPO ERA DETERMINADA PELA NATUREZA E SEUS CICLOS. COM A ASCENSÃO DA SOCIEDADE INDUSTRIAL, O TEMPO TORNA-SE SINÔNIMO DO TEMPO DO RELÓGIO, LINEAR E SINTONIZADO COM O PROCESSO DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Por Mauricio C. Serafim

O tempo está entre as noções humanas altamente intrigantes. Em uma das narrativas escritas mais antigas que conhecemos, a *Bíblia*, o livro do *Gênesis* relata figurativamente como o mundo foi criado, em seis dias. E é logo no primeiro que surge o dia (luz) e a noite (trevas) e, com eles, a noção do tempo no sentido específico de ciclo.

O advento da agricultura tornou o ciclo das estações primordial para a sobrevivência da comunidade e, por isso, a vida social e biológica de nossos antepassados era totalmente sincronizada com os eventos da natureza. Em tais eventos, incluíam-se as fases da lua e as marés, e a tarefa-chave era entender a natureza e se adaptar a ela da melhor forma possível a fim de se assegurar a sobrevivência. Nessa época, portanto, a humanidade vivia o tempo da natureza.

O DOMÍNIO SOBRE O TEMPO. Ao longo dos séculos, o homem criou técnicas de medição do tempo para ter um pouco mais de controle sobre sua relação com a natureza. Mas esse era ainda um controle passivo, pois se baseava em uma visão do tempo que, segundo a crença da época, fora criado por Deus ou era inerente à natureza. Como consequência, a postura do homem em relação ao tempo era de espectador: não havia como acelerá-lo nem como atropelá-lo.

Entretanto, a partir do século XVII, essa situação se modifica. A idéia de não mais viver resignadamente toma conta da mente e das ações dos homens. A partir de então, eles passam a subjugar a natureza, a controlá-la, iniciando assim uma relação de domínio sobre o tempo. Assim, o tempo é traduzido em convenções sociais cujo símbolo máximo é a disseminação dos relógios.

“O tempo deixa de ser uma relação cíclica e transforma-se em uma medida linear com a precisão do relógio”

TEMPO É DINHEIRO. No final do século XIX e início do século XX, “ganhar tempo” vai aos poucos se transformando em um valor social. E em uma ciência, como bem o ilustra a proposta de estudo e controle total dos tempos e movimentos desenvolvida pelo engenheiro Frederick Taylor (1856-1915) no contexto das organizações de trabalho. Assim, definitivamente o tempo transforma-se em uma medida linear com a precisão do relógio. A partir de então, os objetivos da produção devem ser atingidos no menor custo e com o máximo de ganho, sempre em relação ao tempo.

Mas essa mutação não ficou restrita ao contexto produtivo; ela transbordou para a sociedade, ensinando um estilo de vida orientado pela busca da eficiência e pelo “não ter tempo a perder”.

AS DIMENSÕES DO TEMPO. Essas e outras reflexões são abordadas na obra *Perca tempo* (Paulus, 2005), de Ciro Marcondes Filho, professor da ECA-USP. Ele defende que, devido à pressão para que acompanhem esse novo estilo de vida associado ao tempo, estamos nos tornando máquinas neuróticas e criando couraças que dificultam o estabelecimento de relações verdadeiras.

Como afirma o próprio autor, para “não perdemos tempo, perdemos a vida”. Para contornar essa situação, Marcondes Filho nos sugere estimular uma postura de “perder” um pouco mais de tempo com as coisas e com as relações pessoais, inclusive com as que não fazem parte da dimensão profissional, e de respeitar sua temporalidade específica.

Ao tempo diretamente relacionado com o relógio, e portanto quantificável, denomina-se tempo serial. Existem, porém, mais duas dimensões temporais: o tempo convivial e o tempo de salto. O primeiro é uma experiência de tempo que ocorre quando nos relacionamos sem a preocupação com algum fim específico a alcançar, exceto a própria convivência. Isso ocorre quando estamos com amigos e a sensação é de “não ver o tempo passar”.

Já o tempo de salto é um tipo muito pessoal de experiência temporal, cuja qualidade e ritmo refletem a intensidade de nossos anseios pela criatividade e autoconhecimento. É um momento importante de esforços criativos autogratis. Refere-se ao tempo do indivíduo, um tempo que se ajusta a seu ritmo e necessidades. Na prática,

esse tempo pode ser captado quando diferentes pessoas “demoram” mais ou menos para “entender” determinadas coisas, normalmente tendo um *insight* ou esclarecimento pessoal não esperado.

TEMPO NÃO QUANTIFICÁVEL. Nem o tempo convivial nem o de salto podem ser quantificáveis. Em ambos, a perspectiva serial é esquecida. Realça-se a dimensão positiva e fenomenológica do tempo, expressa em frases como “o tempo voa”.

Em nossas sociedades, geralmente durante todos os dias da semana somos obrigados a sincronizar nossa vida de acordo com o tempo serial, adiando para os finais de semana nosso tempo convivial e de salto. Nossa qualidade de vida está, portanto, diretamente relacionada com a variedade temporal que experienciamos; uma exigência da nossa condição humana, pois vivemos nessas três temporalidades distintas, às vezes simultaneamente.

Qualquer discussão sobre a qualidade de vida, particularmente a qualidade de vida no trabalho, deve estar atenta à necessidade humana de vivenciar os diferentes critérios de tempo. A experiência do Google – de fazer com que seus desenvolvedores reservem 20% de seu tempo de trabalho para se dedicarem a idéias que bem entenderem – pode ser vista por esse ângulo: o incentivo ou a construção de um espaço organizacional no qual o tempo de salto seja possível de viver.

Nesse caso, “perder tempo” assume um significado diferente. Visto a partir do conceito de tempo serial, perder tempo é absolutamente negativo. Entretanto, da perspectiva do tempo de salto, não há criatividade – e o prazer que acompanha o ato de criação – sem que percamos tempo, que assume, dessa forma, uma conotação positiva. ✕

